



Meditsch e o conhecimento do Jornalismo - 15 anos depois¹

Nívea Canalli Bona²

Universidade Metodista de São Paulo

Este trabalho procura resgatar alguns dos conceitos explicitados por Eduardo Meditsch em seu trabalho de mestrado publicado em 1992, com o título *O conhecimento do Jornalismo*. Nele o autor propõe o Jornalismo como uma forma de conhecimento do mundo e demonstra as implicações dessa opção epistemológica. Passados 15 anos desse primeiro estudo do autor outras possibilidades foram trazidas pela área acadêmica e o seu próprio aprofundamento nas pesquisas fez com que o estudioso revisse algumas posições e as atualizasse. Assim, esse texto procura, a partir da aplicação da metodologia de entrevista em profundidade e da pesquisa bibliográfica, traçar um panorama das atualizações teóricas realizadas no conceito do Jornalismo como conhecimento.

Palavras-chave: Meditsch, conhecimento do Jornalismo, grade currículo, Ciespal

O contexto

A ciência já está se curvando diante da necessidade de contextualização dos seus enunciados e estudos. É, portanto, a partir dessa necessidade atual que se torna útil traçar um breve perfil do Dr. Eduardo Meditsch a fim de caminharmos até suas principais contribuições intelectuais.

Eduardo Meditsch se formou na UFRGS em Comunicação Social, na área de Jornalismo Gráfico e Audiovisual, em 1979. Fez mestrado em Ciências da Comunicação, na área de Jornalismo e Editoração na USP em 1990 e doutorado em Ciências da Comunicação, na área de Jornalismo, na Universidade Nova de Lisboa, em 1997. Trabalhou na Rádio Continental, Rádio Gaúcha, Rádio Guaíba, Jornal Folha da Tarde, TV Guaíba, Rádio Jornal do Brasil e Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa. Possui mais de 21 artigos publicados em revistas científicas, 16 capítulos de livros, 18 artigos e 27 resumos publicados em anais de congressos.

Na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, atuou como chefe do Departamento de Comunicação (1988-89) e foi membro do conselho Universitário e do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Foi o primeiro coordenador da Pós-

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Jornalista, mestranda em Comunicação Social na UMEESP. niveabona@onda.com.br



Graduação em Jornalismo e Mídia (2000-2003). Também foi criador e coordena o Projeto Universidade Aberta.

Integrou a Comissão Nacional de Ética e Liberdade de Imprensa da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais (Fenaj, 1998-2001) e integra atualmente a Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina. Coordena, também, o Grupo de Trabalho “Estudos em Jornalismo” na Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação – ALAIC”.

O trabalho desenvolvido no rádio e no jornalismo marcou sua trajetória profissional e acadêmica. Tido como pesquisador coerente (Santos, 2004), Meditsch iniciou sua vida profissional no rádio e sua vida acadêmica pesquisando o conceito da possibilidade do jornalismo ser uma forma de conhecimento. Assim, essas duas linhas de estudo acompanham as buscas do pesquisador até hoje, temperadas com a inquietude típica de um apaixonado que aprofunda e critica constantemente suas próprias construções teóricas.

Assim, suas conclusões encontradas no mestrado que resultaram no livro “O conhecimento do Jornalismo” possuem novas incursões e descobertas complementares que tornam a discussão sobre o tema mais densa e, em alguns casos, mais polêmica do que há 15 anos. Segundo Meditsch, um dos projetos que estava por ser realizado era a revisão dessa publicação, mas reflete que suas buscas atuais na área da cognição o fariam escrever outro livro³. Dessa forma, suas atualizações podem ser encontradas em artigos apresentados em congressos e colóquios⁴.

O conhecimento do jornalismo

No início da década de 90, Meditsch estudou em profundidade a obra “O Segredo da Pirâmide”, de Adelmo Genro Filho, na qual o jornalismo era estabelecido não como uma parte da grande área da comunicação como os currículos universitários e as profissões/ocupações estavam organizados. Visionária, a teoria do jornalismo chamava a atenção para a área de estudo que não deveria ser tratada como mera maneira de fazer comunicação, como uma atividade, mas sim como uma maneira de conhecer o mundo, como uma forma social de conhecimento, assim como o são a arte e a Ciência (MEDITSCH, 1992, P.26).

³ Entrevista concedida a pesquisadora no dia 07 de dezembro de 2006 na UFSC – SC.

⁴ Alguns desses materiais podem ser conferidos no endereço <http://www.jornalismo.ufsc.br/departamento/eduardo-meditsch.html>. Consultado em 15/12/06.



Ele reconhece que está partindo de uma generalidade abstrata, e a toma, provisoriamente, porque existem outras formas sociais de comunicação que implicam em conhecimento. [...] Adelmo reconhece a debilidade inicial desse conceito, porque quer concretizá-lo ao longo da exposição: parte da idéia de que o Jornalismo é uma forma social de conhecimento. [...] A partir daí começa a diferenciar o jornalismo, ou seja, a buscar a sua especificidade como forma social de conhecimento. (MEDITSCH, 1992, p.26-27)

Essa visão do jornalismo como uma das formas de conhecimento das quais a sociedade moderna poderia dispor teve que ser apoiada em alguns conceitos da filosofia, principalmente a desenvolvida por Hegels: as categorias do singular, particular e universal (MEDITSCH, 1992, p.27). Segundo Genro Filho, essas categorias estão presentes na existência de tudo no mundo. São dimensões nas quais qualquer coisa pode existir. Algo é singular quando não se repete, não há igual, é o inusitado, o exclusivo. Particular é aquilo que pertence a um determinado grupo por uma similaridade, um grupo limitado a partir de uma particularidade que o une. Uma pessoa que tem olhos azuis possui essa determinada particularidade assim como outras que possuem olhos azuis. E essa pessoa pode ser universal se pertencer ao grupo dos seres vivos, uma categoria universal. Assim, uma mesma pessoa pode ser singular, particular e universal ao mesmo tempo e essas dimensões podem mudar e se relacionar de acordo com o ponto de vista de análise. Mas elas estarão sempre amarradas, relacionadas. Uma dimensão sempre está presente em outra.

O que Genro Filho pretendia com essa relação é mostrar que o Jornalismo é uma forma de conhecimento, mas não alocada na mesma dimensão da ciência. Situado em outro lado epistemológico de onde está a ciência, que possui leis universais, que alcançam a universalidade, o Jornalismo é uma forma de conhecimento do singular, daquilo que é singular nos fatos, na realidade. Para Meditsch, o jornalismo cumpre o papel de “percepção individual dos fenômenos”. Como não podemos buscar e absorver pessoalmente todos os fatos universais, o Jornalismo, como forma de conhecimento, traz o universal a partir do singular para a percepção individual. Assim, o jornalismo como conhecimento funciona como nossa percepção. E, nessa comparação, é importante observar que seu papel não é só o de simples transmissor de informação, assim como a percepção individual não só recebe e aceita mecanicamente as informações.



Nosso equipamento cognitivo não registra nem arquiva informações tal qual as recebe, antes as processa, classifica e contextualiza, reconstruindo a informação recebida a partir de esquemas de interpretação e informações prévias sobre o tema, o emissor e a situação comunicativa. O esquema clássico da comunicação, como a transferência mecânica de uma mensagem do emissor ao receptor, por meio de um processo singelo de codificação e decodificação, está completamente superado pelo conhecimento atual do cérebro humano (MEDITSCH, 2004, p.367) .

Nesta visão não há como se comparar a forma de conhecimento do mundo a partir da ciência e o conhecimento que advém do jornalismo. São duas fontes de conhecimento, mas situadas em dimensões diferentes. Universal, no caso da Ciência e singular, no caso do Jornalismo.

O Jornalismo é fonte de conhecimento singular, porque a matéria-prima de sua existência é o que acontece de singular nos fatos cotidianos. É o exclusivo, o diferente que faz com que o acontecimento se torne notícia. Assim, se pensarmos num esquema gráfico da pirâmide que compõe a notícia, veremos o singular no ápice, naquilo que realmente é o importante do acontecimento, o particular como base da pirâmide e o universal como sendo o espaço ou a região que extrapola os limites da pirâmide.

A ciência produz um corte da realidade para análise e busca de conclusões, isto é, corta um exemplo do universal para propor uma experimentação controlada a fim de encontrar suas respostas. Já o Jornalismo parte não de uma hipótese nem decorre de produções teóricas anteriores, mas da observação da realidade não controlada – se formos ter como base de comparação a metodologia científica – e no lugar de isolar variáveis apreende tudo que é relevante, tudo aquilo que é singular da realidade sem recorte prévio (MEDITSCH, 2004, p.372).

Em relação ao conhecimento advindo da ciência, pode-se questionar a imediaticidade do que o Jornalismo produz como conhecimento. E este é outro dado a ser analisado: o cotidiano, o atual, é o ponto de chegada do Jornalismo e não de partida – como o é na ciência - para um estudo mais aprofundado. O foco do Jornalismo é a caminhada que se faz para se chegar ao produto do conhecimento. É a tradução, a reconfiguração para se apresentar a atualidade à sociedade.

O conhecimento do senso comum foi até bem pouco tempo desprezado pela teoria, uma vez que toda a ciência moderna se constituiu com base na sua negação. Mas na medida em que as ciências humanas passaram a valorizar a observação do cotidiano para o desvendamento das relações sociais, o que era visto como “irrelevante, ilusório e falso” começou a aparecer não só como um objeto digno de consideração



pela teoria do conhecimento, mas, em última análise, como seu objeto principal (SANTOS apud MEDITSCH, 2004, p.369).

A atualização de diversas pesquisas epistemológicas tem desmistificado o preceito positivista da infalibilidade da Ciência e mostram que a cultura e a história de todas as formas de conhecimento contribuem para desconstruir o ideal de que há somente uma verdade (MEDITSCH, 2004, p.365). No momento em que as verdades científicas são relativizadas, principalmente com a velocidade com que as descobertas são criticadas e renovadas, as correntes críticas abrem o pressuposto da existência de diversas verdades e não de uma só. Isso quer dizer que nem tudo que é resultado de um processo de pesquisa que se utiliza da metodologia científica pode ser a única verdade. Não se está querendo afirmar que o que é resultado do exercício jornalístico seja a verdade. A questão que se coloca é que não há mais como se falar em “a verdade”, como se existisse uma só, mas sim de um “enunciado verdadeiro”, aquele que corresponde ao que é real. E assim como deverão existir diversas maneiras de se estudar determinado objeto científico e a se chegar a conclusões diversas, pode-se existir diversos enunciados verdadeiros, até mesmo que sejam, de certa forma, contraditórios. O que se quer colocar é que não há como esgotar o universal, a realidade toda, com somente um enunciado. Assim, a pluralidade de possibilidades e de interpretações ou de leituras possíveis acaba derrubando o estigma de uma fonte de verdade única e correta. Nessa questão, o Jornalismo entra também como um produtor e ressignificador de diversos vieses de uma realidade. Assim, ele também não propõe uma unicidade do verdadeiro. Mas tenta mostrar a variedade de “verdades” que podem existir no real. O Jornalismo não é, portanto, menos ou mais formador de conhecimento do que a ciência, que como vimos, já pode admitir a pluralidade de “verdades”.

Assim o Jornalismo não deve ser encarado como estando em um grau menos importante ou abaixo da ciência, mas num patamar simplesmente diferente de formação de conhecimento.

Os públicos - auditórios

Diferentemente da ciência que encaminha seus enunciados na tentativa de torná-los universais, ao universo dos cientistas, o Jornalismo tende a abranger a universalidade dos indivíduos longe de suas especificidades. Assim, a universalidade de público que a ciência tenta alcançar não se confirma na realidade por ser construída em



diversos enunciados específicos de cada área do conhecimento científico que acabam por não se conversar entre si. Isso faz com que esse conhecimento produzido pela ciência acabe não alcançando a totalidade do público a que se dirige – o universo científico - caminhando para uma especialização do discurso nas micro-áreas do conhecimento.

O ideal de público universal do Jornalismo passa por uma universalidade mais democrática e que acontece de fato, com a intenção de apresentar a realidade para os diversos públicos sociais. Seus limites de alcance só são realizados a partir da intenção do emissor que define, por meio do discurso, quem será atingido.

Mas é na preservação deste auditório ideal que o Jornalismo encontra uma de suas principais justificações sociais: a de manter a comunicabilidade entre o físico, o advogado, o operário e o filósofo. Enquanto a ciência evolui reescrevendo o conhecimento do senso comum em linguagens formais e esotéricas, o Jornalismo trabalha em sentido oposto (MEDITSCH, 2004, p. 371).

O poder dos veículos de comunicação

Há quem sugira que o conhecimento formado a partir do Jornalismo pode sofrer as influências das tendências políticas e interesses econômicos que regem a maioria das empresas de Jornalismo. A proposta de tratar o Jornalismo como conhecimento vai além da superfície do fazer diário das notícias. Assim como não há uma verdade absoluta nem na ciência, no Jornalismo não há como se esperar que ela exista. Há diversas verdades e a maneira como são tratadas define o que pode ser construído do ponto de vista político e econômico. A proposta vai além do que hoje está sendo realizado ou mesmo ensinado nas universidades para os novos jornalistas. No momento em que se trate a questão como fonte de conhecimento, a preparação do novo profissional deverá se adequar a essa nova visão e formar um jornalista que é especialista em realidade, em mundo, a ponto de tratar as notícias como fonte de conhecimento do mundo. Esse novo tratamento poderá fazer com que se modifiquem as relações de poder nos veículos, mesmo parecendo ser um tanto utópica.

Adelmo tem a esperança de que se torne possível, entendendo teoricamente o que é Jornalismo, trabalhar na redação de um jornal conservador, e em muitas ocasiões, passar notícias que contrariem os interesses dominantes, por possuir um outro enfoque (MEDITSCH, 1992, p.33).



Não se pode ignorar o fato de que a construção diária jornalística passa por diversos filtros e não é isenta das visões de mundo dos profissionais, das condições de trabalho a que estão expostos, da ideologia predominante e do próprio contexto político-econômico do país, entre outros fatores. Esse é um dos problemas que se pode colocar em relação ao Jornalismo como forma de conhecimento. Por mais que a população saiba que a produção jornalística não passa de uma versão da realidade, não se tem claro quais são os critérios que levaram àquele conteúdo (MEDITSCH, 2004, p. 374). Então a melhor preparação dos profissionais pode trazer possibilidades de lidar melhor com a matéria-prima do Jornalismo, a realidade. Mas sob o ponto de vista da recepção a transparência ideal aos públicos ainda não pode ser alcançada.

Sedimentação do conhecimento na área

O grande problema epistemológico do campo da comunicação, segundo Meditsch, e que atrasa em certa medida a evolução da produção de conhecimento na área, é que até bem pouco tempo atrás - e há ainda sinais desse comportamento nos dias de hoje - não havia a sistematização crítica dos estudos já realizados na área. Não se acumulam os resultados. Toda ciência se constrói, a partir de um acúmulo de experiência porque revisa e critica o que fez no passado e constrói a partir daquilo. “A gente está sempre inventando a roda. Daí passa uma onda, uma certa moda teórica, e a gente se desfaz de tudo que tem lá e embarca nessa onda”, diz Meditsch⁵. Assim, a denúncia nasce da negligência com aquilo que se constrói no passado. Esse conhecimento é deixado de lado e se começa do zero sempre que uma nova moda teórica é instaurada.

De fato, em nossos cursos, a teoria sempre foi considerada mais importante do que a prática, e esta concepção até já faz parte do senso comum. Difícil é explicar porque esta teoria tão importante tem sido historicamente tão descartável, e sequer se acumula.[...] A formação clássico-humanista que orientava os cursos de Jornalismo até a década de 60 foi rejeitada pelo funcionalismo introduzido pelo Ciespal. O funcionalismo que dominou os cursos na década de 70 foi extirpado do currículo pela hegemonia do marxismo que veio a seguir. Tudo o que o marxismo ensinou foi posto de lado na década seguinte, com o reinado da psicanálise e do simbólico. E estas vertentes também já saíram de moda, substituídas pelas explicações pós-modernas da sociedade e pelos estudos culturais. Cada nova teoria ensina que as anteriores não tinham importância, mas todas garantem ser mais importantes do que as práticas. Estas últimas, embora com sua importância minimizada, continuaram as mesmas, e

⁵ Entrevista a autora realizada em 07/12/06



graças somente a elas o campo acadêmico não foi descartado como um todo e manteve alguma identidade ao longo destas décadas (MEDITSCH, 2000).

E é na busca dessa sistematização do conhecimento que Meditsch foi encontrar as origens do que seria o Jornalismo como conhecimento. A própria atualização desses conceitos foi trazida a partir dos primórdios do Jornalismo. E no traçado dessa caminhada pode-se entender os motivos que levaram a área a ser construída a partir do grande guarda-chuva da comunicação com as diversas habilitações inseridas sob seu arco.

O que veio antes – o Ciespal⁶

Meditsch, sendo coerente com a avaliação de que a área da comunicação precisa de constante avaliação e crítica, analisa seu próprio trabalho de maneira questionadora e admite que no momento em que estudou o conhecimento do Jornalismo proposto por Adelmo Genro Filho tinha uma “visão ingênua”⁷ da amplitude do campo de estudo do Jornalismo. Mais tarde descobre um estudo de Robert Park, em 1940, já propondo e tratando o Jornalismo como forma de conhecimento. Cita também Luiz Beltrão - que possui suas obras publicadas somente nos últimos anos - que no seu projeto do curso de Jornalismo para a Universidade Católica de Pernambuco já tinha criado a disciplina de Teoria do Jornalismo. Dessa maneira, defende o aprofundamento dos estudos buscando nas origens os principais argumentos para o desenvolvimento do campo do Jornalismo como está colocado nos dias de hoje. Caminhando em direção a um passado ainda anterior, Meditsch chegou ao primeiro doutorado em Jornalismo, que existiu em 1690, na Alemanha. A partir daí, percorrendo os acontecimentos políticos mundiais, pode-se traçar as mudanças que fizeram com que o Jornalismo fosse colocado em um outro plano e que se colocasse dentro da grande área da comunicação. Uma das principais críticas que Meditsch faz é que qualquer coisa pode ser colocada dentro do grande guarda-chuva da comunicação e essa maneira de se apresentar os estudos da área foi intencional e nasceu de objetivos políticos.

O início desse “desvio” se deu na Segunda Guerra Mundial quando Goebbels foi escolhido como Ministro da Propaganda da Campanha de Hitler. O estrategista utilizou diversas ferramentas de comunicação para promover a alta moral do povo e para influenciar formadores de opinião a favor do nazismo.

⁶ Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina

⁷ Informação dada na entrevista a autora em 07/12/06



Através de um controle extremamente centralizado de diversas áreas de influência no universo da cultura, a propaganda nazista utilizou os recursos da imprensa e das novas mídias, como o rádio e a televisão. Uma atenção especial foi conferida ao cinema, não só pela importância que Goebbels conferia a este veículo como arma política, quanto em função de seu gosto pessoal pela arte cinematográfica. Com o início da Segunda Guerra Mundial, a importância de Goebbels tornou-se ainda maior diante dos crescentes dilemas do esforço de guerra alemão. Na própria Alemanha, os cuidados estavam voltados para manter alta a moral da população, sustentando a crença de um exército imbatível, assim como da infalibilidade dos líderes. Nos territórios ocupados, a produção cultural era severamente vigiada, combatendo-se veementemente qualquer manifestação de resistência no plano da cultura. Em relação aos inimigos externos, a ação de Goebbels também se fez sentir. Uma das mais atuantes foi o recurso das transmissões radiofônicas enviadas aos países inimigos, principalmente a Inglaterra, procurando minar a resistência dos civis face aos ataques nazistas⁸.

Os Estados Unidos entraram na guerra e sua preocupação em relação à utilização de estratégias de comunicação por parte do III Reich motivou a reunião de um grupo de estudiosos na Biblioteca Nacional Americana a fim de aprofundar o conhecimento sobre as técnicas comunicativas que estavam sendo utilizadas pelos nazistas. O intuito era, além de entender as estratégias, poder utilizá-las também para fins bélicos. O líder da equipe, Wilbur Schramm, formado em Letras, acaba influenciando de forma definitiva a visão sobre Jornalismo e comunicação. Meditsch explica que “a visão do Schramm para o terceiro mundo, e que o Ciespal importa, era que o terceiro mundo não precisava ter Jornalismo. Não precisava do Jornalismo como existia na Alemanha ou no primeiro mundo”⁹. O Jornalismo passou a ser visto como algo ruim, perigoso, por ter sido utilizado para os fins nazistas e os americanos acabaram por “inaugurar” uma maneira diferente de trabalhar a comunicação. Maneira essa que acabou influenciando tanto as universidades quanto o campo do Jornalismo até os dias atuais.

Depois da Segunda Guerra Mundial o mundo se dividiu nos dois grandes blocos - capitalista e socialista - que disputariam a hegemonia mundial. Era a chamada Guerra Fria. Os Estados Unidos, que dominavam a Unesco na época entenderam como estratégica a formação dos jornalistas no terceiro mundo. O pensamento predominante era a doutrinação dos países em desenvolvimento para não ameaçarem o projeto imperialista da nação. Assim, numa conferência da Unesco em Paris, em 1948, a entidade resolveu criar centros de formação de professores de Jornalismo nas várias

⁸ Disponível em <http://www.unificado.com.br/calendario/03/goebbels.htm>

⁹ Da entrevista pessoal. 07/12/06



regiões do terceiro mundo. A América Latina recebeu o Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo – o Ciespal, instalado na Universidade Central de Quito, no Equador, em 1959.

A UNESCO advertia ao mundo ocidental que o Jornalismo poderia "agravar, se mal inspirado, os desajustamentos entre grupos, classes e partidos" - como pregava o comunismo soviético - "ou atenuá-los até, o ponto de extinguí-los, se baseado na boa compreensão dos fatos e na lúcida revelação dos mesmos", conforme a retórica da época reproduzida por Celso Kelly (1966:62-3 apud MEDITSCH, 2000).

Os currículos dos cursos de Jornalismo no Brasil acabaram por substituir o ensino clássico-humanista vigente na época, classificado pelo Ciespal como “não-científico” pelo funcionalismo norte-americano. Essa mudança veio bem a calhar para as ditaduras que tomavam o poder no continente e que, sem maiores questionamentos, foram apoiadas pela potência norte-americana. Ali se instaurava a necessidade de se formar o comunicador polivalente, com o intuito de “promover a comunicação entre os grupos”, principalmente os rurais e populares. A própria injeção financeira por meio de bolsas de estudo e patrocínio de congressos estimulou os pesquisadores a trabalhar em prol dessa linha de atuação, porque, enfim, a área estava sendo valorizada como ciência.

Pode-se pensar que as iniciativas teóricas e práticas de Paulo Freire e Mario Kaplun, quando estudaram essas formas de comunicação rurais e populares, poderiam ter corroborado essa “dominação intelectual”. Mas Meditsch esclarece: “num segundo momento, a Unesco, que era controlada pelos EUA, passa a ser controlada pela social-democracia européia que tinha um outro projeto estratégico para a América Latina e para o Terceiro Mundo. Este era um projeto de aproximação norte-sul, não um projeto de dominação tão explícita, digamos assim. Então a social-democracia européia acaba se aliando com a esquerda latino-americana e o Ciespal dá uma invertida em termos políticos. E é aí que entram o Kaplun, o Paulo Freire”¹⁰.

Mas Meditsch denuncia que a questão do Jornalismo foi perdida e Adelmo veio para resgatar e avisar sobre a necessidade de se discutir a posição do Jornalismo na sociedade. “O Adelmo, pelo menos teoricamente, diz: ‘olha! Cadê o Jornalismo? Tem que existir o Jornalismo! Numa sociedade que fosse um pouco mais desenvolvida ia precisar do Jornalismo. Jornalismo não é uma coisa do capitalismo, é uma coisa que

¹⁰ Da entrevista em 07/12/06



transcende isso”¹¹, conta Meditsch. A partir dessa cisão, o elo que existia entre a prática e a teoria no Jornalismo foi perdido.

Se o Jornalismo é uma forma de conhecimento temos que revisar radicalmente a pedagogia das nossas escolas, que até agora só o viam como forma de comunicação. Não basta formar comunicadores, é necessário formar produtores de conhecimento (MEDITSCH, 1992, p.20).

Os currículos

Para Meditsch, a teoria não deve ser mais importante que a prática no ensino do Jornalismo, nem a prática deve prevalecer sobre a teoria. “A distorção acadêmica faz com que a Universidade dê mais valor profissional a um principiante que escreva uma dissertação sobre a experiência jornalística de Cláudio Abramo do que à própria experiência de Cláudio Abramo” (MEDITSCH, 1992, p.89).

Para ele, o ensino e mesmo o exercício do Jornalismo precisam estar estreitamente vinculados.

Esta nova pedagogia do ensino básico num curso de Jornalismo propõe que se chegue aos conceitos das ciências humanas a partir da análise da realidade concreta, iniciada pelo acompanhamento do que ocorre no dia-a-dia. Assim, as aulas de economia, por exemplo, começam pela discussão das páginas do noticiário econômico dos jornais. Os conceitos só são introduzidos na medida em que se tornem necessários para a compreensão dos fatos do cotidiano dos envolvidos no processo pedagógico (MEDITSCH, 1992, p.87).

Para Meditsch, numa reflexão mais imediata, o currículo ideal hoje para os cursos de Jornalismo deveria se formado por 3 eixos teóricos¹²:

- Teoria da realidade: o jornalista vai ser um especialista em atualidade, então ele precisa estar preparado para interpretar a realidade sempre. Dessa forma deve existir um eixo de formação para ver a realidade. Esse grupo trará história, um pouco de filosofia, um pouco de economia, política, sociologia, passará pelas ciências humanas.
- Teoria do Jornalismo: seria um resgate do que já foi construído no Jornalismo desde os primórdios históricos até os dias de hoje. Nesse eixo caberiam ainda a crítica e avaliação constante do que foi até hoje publicado em termos de comunicação. Em vez de se descartar linhas, a sugestão é realizar algo mais construtivo, propositivo, que se utilize das pesquisas que aconteceram no decorrer da história.

¹¹ idem

¹² Da entrevista em 07/12/06



- Teorias instrumentais: epistemologia, as ciências da cognição, linguagens, que são teorias que ajudam a aperfeiçoar a prática.

Meditsch ainda destaca o desafio de lidar com a mutação tecnológica presente não só no Jornalismo mas em todas as outras áreas. “As coisas mudam muito rápido. A gente está ensinando os alunos para trabalhar num mundo que não vai ser mais esse. Então como preparar os alunos para isso? Assim você precisa ensinar a lógica das técnicas, para quando mudar, eles mesmo participarem e saberem mudar”¹³, explica.

A proposta de entender e tratar o Jornalismo como forma de conhecimento do mundo, dá à área o status que necessitava para ser melhor construída quando se fala de currículo ou da preparação de novos jornalistas.

Isso porque o Jornalismo não é apenas uma atividade social qualquer. Trata-se de falar de um fenômeno que é palco de diversos conflitos, do confronto de forças, uma vez que se tornou espaço público das grandes e cotidianas questões sociais. Por isso, afeta a sociedade como é afetado por ela, provocando e sofrendo mudanças, imediatas e/ou mediatas. (SANTOS, M. 2004, p. 380)

A dificuldade de se estabelecer o campo da comunicação como ciência entre as outras áreas de conhecimento pode explicar os motivos pelos quais ainda não se pensou de forma mais assertiva numa reforma das habilitações que privilegiasse o ensino específico, a preparação mais focada no exercício do Jornalismo. Para Meditsch, as habilitações aprisionam muito o estudo do Jornalismo. Apesar de admitir que a comunicação desenvolve muitas coisas úteis para se estudar, há outros focos que acabaram ficando de lado e que deveriam ser resgatados. “Para mim o essencial, claro, é a questão do conhecimento. Tem um autor canadense que eu descobri que dizia assim: que a gente deveria parar de fazer escolas de comunicação e começar a fazer escolas de conhecimento para o jornalista”, explica Meditsch¹⁴. Para ele, o cerne deveria ser o conhecimento e não a comunicação, pois ela é um aspecto secundário. Porque o papel do jornalista não é só transmitir informação, é criar um trabalho intelectual. Agora, como fazer isso? Para ele, isso implicaria em colocar o reforço numa parte teórica que é desprezada nos cursos de comunicação.

As outras habilitações

Essa defesa do Jornalismo como conhecimento não possui a intenção de se colocar em atrito com as outras áreas da comunicação. Para Meditsch, há perguntas que

¹³ idem

¹⁴ Da entrevista em 07/12/06



são específicas de cada um dos campos e precisam ser respondidas com a profundidade e a especificidade necessárias à discussão. Quando aparecem os organismos de pesquisas mais específicos, como a Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo SBPJor, o que se pretende é tratar de maneira menos superficial e menos funcionalista as questões do Jornalismo. Não se trata de manter uma posição sectarista, mas de, por meio da valorização dos campos de estudo, mostrar que cada um tem suas contribuições para a sociedade. Essa é a posição do ponto de vista acadêmico.

Em relação ao mercado e ao espaço que cada habilitação ocupa, Meditsch ainda destaca que o Brasil é o único país que possui os profissionais de Relações Públicas e Jornalismo disputando as áreas de assessorias de imprensa. Em outros países esse é um cargo de Relações Públicas e, segundo ele, seria mais fácil se o jornalista não o estivesse ocupando. A questão-foco é preparar as regulamentações para acompanhar esses movimentos do mercado. “Agora, do ponto de vista teórico, isso é um problema. No código de ética vamos ter que criar uma experiência para isso. Porque não adianta dizer que Jornalismo de assessoria de imprensa é a mesma coisa que de redação. Não é. Tem um outro papel social. Tem que reconhecer isso porque senão fica cínico”¹⁵, esclarece o pesquisador.

O recente debate em torno da definição das diretrizes curriculares dos cursos de comunicação e a dramatização do fato da área de Jornalismo ter se reunido em separado para tratar das diretrizes específicas reacendeu o debate sobre os dois caminhos possíveis para a expansão da área acadêmica. Os setores mais preocupados com a expansão do poder político como forma de afirmação da área acadêmica assumiram a defesa do crescimento para os lados, revivendo a estratégia do Ciespal. Já os setores que priorizam o aprofundamento do rigor teórico e científico no estudo do objeto - e a conquista de competência tecnológica - como caminhos para esta afirmação, entenderam que a ênfase nas suas especificidades é a mudança de curso necessária para o seu crescimento para cima [...]. (MEDITSCH, 2000)

A questão se complica quando o que se vê no mercado é a demanda pelo profissional múltiplo, e isso está acontecendo em todas as áreas. O que se quer é um “comunicólogo” que se encaixe em todas as necessidades da área, sejam elas cinema, rádio, jornal ou assessoria. Meditsch vê isso como uma tendência do mercado, assim como a própria regulamentação. Mas no seu ver a universidade não deve se colocar como servidora desse mercado oferecendo uma educação do “prato feito” e sim

¹⁵ Da entrevista em 07/12/06



preparar o jornalista a fim de que domine o conhecimento e as formas como ele acontece e assim possa se adaptar as mudanças que forem sugeridas pelo mercado.

Devemos distinguir entre a formação e as ocupações que as pessoas podem ter. Porque há muitas escolas hoje preocupadas com isso, com formar um cara polivalente e acabam formando alguém que não é nada. É melhor formar alguém mais especializado, que entenda a lógica do que faz, porque daí ele pode até mudar de ocupação, mas entendendo a lógica de uma vai entender a de outra. Porque aprendeu a aprender, aprendeu a pensar. É pensando nisso que defendo algo mais específico na formação. Porque a pessoa pode até mudar de profissão que vai se dar bem¹⁶.

Concluindo

Os 15 anos que separam a primeira publicação do Conhecimento do Jornalismo para os dias de hoje serviram para que o aprofundamento das pesquisas e para que a maior sistematização do que já foi construído até hoje na área do Jornalismo viessem somar e embasar a defesa por um novo Jornalismo. Um Jornalismo que seja tratado como forma de conhecimento de mundo também e que a preparação dos profissionais seja realizada visando-se esse mister. Meditsch pode estar sendo menos ingênuo em relação as afirmações e coloca de forma clara os possíveis problemas dessa defesa. Mas a coerência com o estabelecido há 15 anos e com a defesa de uma maior preparação de mundo para os jornalistas e para o casamento efetivo da prática e da teoria no exercício jornalístico se mantém como chama viva. Diversos desafios se colocam aos olhos da comunidade acadêmica da comunicação: sistematizar e acumular o conhecimento produzido até os dias de hoje, criticar e revalidar o que foi construído, valorizar cada habilitação a partir das respostas que se fazem necessárias em cada área específica e lutar por uma preparação menos voltada para o “como fazer” e mais voltada para o “o que” e “por que” fazer. Mas o maior desafio é transformar o jornalista atual de técnico em comunicação para criador de conhecimento. As respostas a essas demandas poderão ser construídas nos próximos 15 anos, pelos grupos que trabalham com o Jornalismo como conhecimento.

¹⁶ idem



Referências bibliográficas

COSTA, Rosa Maria D.; MACHADO, Rafael Costa; SIQUEIRA, Daniele. **Teoria da Comunicação na América Latina: da herança cultural à construção de uma identidade própria**. Editora UFPR, Curitiba, 2006.

MEDITSCH, E. B. V. **O Conhecimento do Jornalismo**. 1. ed. Florianópolis ; ed. UFSC, 1992. 100 p

MEDITSCH, E. B. V. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?** In: Hohlfeldt, Antonio; Gobbi, Maria Cristina.(orgs) Teoria da Comunicação. Antologia de pesquisadores brasileiros. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MEDITSCH, E. B. V. **Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do Jornalismo**. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1999, Rio de Janeiro. Intercom 1999 CD-ROM. São Paulo/Rio : Intercom/JGF, 1999.

MEDITSCH, E. B. V. **Ciespal trouxe progresso... e o problema quase insolúvel do comunicólogo**. In: MELO, J.M; GOBBI, M.C.. (Org.). Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras. 1 ed. São Bernardo do Campo: Unesco/Umesp, 2000, v. , p. 129-138.

MELO, José Marques de. **História do Pensamento Comunicacional**. São Paulo : Paulus, 2003.

SANTOS, M. **Eduardo Meditsch: perfil intelectual**. In: Hohlfeldt, Antonio; Gobbi, Maria Cristina.(orgs) Teoria da Comunicação. Antologia de pesquisadores brasileiros. Porto Alegre: Sulina, 2004.